



## FCSH CRIA CONDIÇÕES PARA O ESTUDO DAS CASCATAS DE MURRUPULA

Pag.2

Pub



**OFERECEMOS CURSOS  
BÁSICOS DE  
INGLÊS, FRANCÊS  
E ITALIANO  
INSCREVA-TE JÁ**



**FORTALEZA DE S. SEBASTIÁ(CECROI) FCSH**



**84 7933030 - 86 9222945 - 84 0721012**



**Centro de Estudos Culturais e Religiosos - CECROI/FCSH/UniLurio**

# FCSH CRIA CONDIÇÕES PARA O ESTUDO DAS CASCATAS DE MURRUPULA

**-DISTRITO OFERECE EXCELENTES CONDIÇÕES PARA ESTUDOS EM PATRIMÓNIO NATURAL E CULTURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL**



Wilson Nicaquela e Administradora do Distrito de Murrupula

Uma visita de exploração para um estudo pormenorizado sobre as cascatas de Nihessiue, o Director da FCSH visitou este mês o distrito de Murrupula. Em Murrupula, Wilson Nicaquela manteve encontro com a Administradora local e participou da Sessão Ordinária do Governo do distrito, onde teve a oportunidade de divulgar os cursos oferecidos pela instituição que dirige. Todavia, o ponto mais alto foi a visita às cascatas de Nihessiue, que distam a 18 km da vila sede do distrito.

“Estão criadas as condições para que nos próximos dias a FCSH possa



Wilson Nicaquela Recebe explicações com o cabo local

realizar um estudo mais pormenorizado sobre as cascatas de Nihessiue, criando assim oportunidades de pesquisa para os estudantes dos dois cursos oferecidos pela FCSH, nomeadamente Turismo e Hotelaria e Desenvolvimento Local e Relações internacionais”, disse Wilson Nicaquela. A FCSH despertou interesses em explorar as potencialidades do distrito de Murrupula após a Televisão Pública TVM ter exibido uma reportagem expondo uma área potencialmente turística, constituída por cascatas. A administradora do distrito de Murrupula disse estar satisfeita pelo interesse manifestado e espera que daqui em diante sejam realizadas actividades visando valorizar as cascatas de Nihessiue. OMacuthi conversou com o director da FCSH sobre a visita ao distrito de Murrupula para perceber a real pretensão da Faculdade.

O Governo do distrito mostrou total disponibilidade de cooperar com a FCSH.

OMacuthi (OM): Sr. director, quais foram os objectivos da visita?

Wilson Nicaquela (WN): Esta era uma visita de exploração. A finalidade era de criar condições para que a visita de estudo das cascatas de Nihessiue possa se realizar pela equipa técnica de turismo. A olhar pelas áreas de actuação da Faculdade, nós estamos a fazer estudo de viabilidade para encontrar espaço e oportunidades de pesquisas, onde podemos actuar e contribuir para o desenvolvimento.

OM: Qual é a ideia da Faculdade?

WN: Queremos actuar no distrito de Murrupula nas duas componentes da nossa faculdade, nomeadamente Turismo e Hotelaria, na promoção do turismo de interior e na componente de Desenvolvimento

Cont. pág.03

## Ficha técnica:

**O Macuthi**  
Boletim Informativo da FCSH

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Lúrio

Ilha de Moçambique | Rua: Pedro Álvares | Bairro: Museu | E-mail: rpicfsh@unilurio.ac.mz|+258 878300752

**Director:** Wilson Profirio Nicaquela | **Editor:** Faizal Ibramugy Abdul Raimo | **Revisão:** Nildo Eugenio Diogo |

**Redação:** Faizal Ibramugy Abdul Raimo | **Fotografias:** Faizal Ibramugy Abdul Raimo | **Maquetização:** Faizal Ibramugy Abdul Raimo | **Distribuição:** Electrónica

Local. A actuação será especificamente virada para o desenho de projectos. Os estudantes poderão fazer o diagnóstico de vários problemas e com base nos mesmos elaborarem projectos de intervenção social, de modo a capitalizar e divulgar o turismo do interior.

OM: Daqui em diante, o que se pode esperar?

WN: Pensamos em estabelecer um Memorando de Entendimento com o Governo do Distrito de Murrupula. Esse memorando vai identificar as áreas de cooperação e as outras instituições a envolver, principalmente as ONG. Como sabemos o distrito de Murrupula é uma região agro-ecológica, então, a partir desta viagem ficam criadas as condições para que a FCSH explore as potencialidades do distrito nas duas áreas



Wilson Nicaquela Durante a sessão do governo local

que cobrem a nossa faculdade, Turismo e Hotelaria e Desenvolvimento Local.

## “MUSEUS DEVEM COLECIONAR A CRIAÇÃO DE PESSOAS HISTORICAMENTE MARGINALIZADAS”

–Defende Pilale Isequiel, Docente da FCSH



Pilale Isequiel Docente da FCSH

O Docente da FCSH, Pilale Isequiel defende a necessidade de o país procurar por alternativas viáveis para resignificar os museus, de modo a responderem às necessidades das pessoas locais.

Antropólogo de formação, Pilale Isequiel diz que a partir da década de 70 do século passado, “a acepção museológica tradicional vem perdendo espaço em detrimento de um Museu Social”, segundo ele, “um Museu que não apenas se preocupa com colecção de objectos ou artefactos, mas com foco nas pessoas da comunidade- vai buscar memórias colectivas através de entrevistas e histórias de vida, estudos de campo- Isso dá experiências mais tangíveis e sentimento humano às visitas aos museus”.

Esequiel considera que a nova função dos Museus passa por abordar temáticas transversais, criar eventos e projectos

que respondam às necessidades de todos, sobretudo, os historicamente excluídos. Há que se combater o medo de contacto entre as sociedades e os Museus, incluindo seus funcionários. “O Museu deve pesquisar, criar, expor e proteger o legado contra o esquecimento”.

“Por que não juntar os poemas de Camões, heroicidade ou heroísmo de Estevão de Ataíde à história pré-colonial, a rebelião dos escravos do L’Aurore? A astúcia e influência da Rainha de Naguema, a pujança e garra dos Mukutumunos, dos Namarrais? Por que fazem parte dos excluídos?”, questiona, o docente.

Pilale isequiel, que falava numa palestra a convite do Museu da Ilha de Moçambique, por ocasião do dia dos Museus, considerou que o Museu da Ilha de Moçambique estava estagnado no tempo: “temos um Museu colonial camuflado de Museu da Ilha de Moçambique, mas ainda guarda um nome Santo (MUSEU PALÁCIO São Paulo)? Mais assegurado do que um quartel-general (não para proteger o património

museológico), ou seja, é um Museu fechado e parece mais uma propriedade privada do que um bem público, para além de ter uma colecção de pouco interesse para um moçambicano dentro de Moçambique”. E lembra que “os Museus deveriam caminhar para o Social, o que significa que deviam também coleccionar a criação de pessoas historicamente marginalizadas”. Aliás, segundo ele, “o Museu deve deixar de ser hegemónico no sentido lato”.

“Nós temos aqui exposição que retrata história/identidade e epopeias (factos heroicos) dos

portugueses, mobílias indo-portuguesa, poemas épicos e poucos utensílios de cozinha moçambicana (sobre os quais pouco se sabe ou se narra) e nada significativo de Moçambique, de África (Costa Oriental de África e da Civilização Árabe Swahili... O mais caricato é sabermos que temos muito de LOCAL para pesquisar pelo MUSEU e pouco estarmos a fazer”, disse o docente considerando que os museus são um espaço de interconexão e conexão de civilizações, história e cultura de todos os povos. Segundo ele, os museus podem ser vitais para instauração de clima de paz e tolerância

Este ano o dia dos museus foi celebrado sob o lema: “Futuro dos Museus: Recuperar e Re-imaginar”.

**FCSH**

**FAZENDO A DIFERENÇA**



*Destas casas emerge o nosso boletim*



Leia e divulgue

**O Macuthi**  
Boletim Informativo da FCSH

UNIVERSIDADE LÚRIO  
Faculdade de Ciências  
Sociais e Humanas

## Sobre os Makoas de Madagáscar

# “FUI ACONSELHADA A DESCOBRIR MAIS SOBRE OS “MAKOAS” QUE TINHAM FAMA DE SER DO CONTINENTE AFRICANO”

– Klara Boyer-Rossol, Doutora em História de África



Klara Boyer-Rossol Doutora em História de África

**A** Professora Doutora Klara Boyer-Rossol de nacionalidade francesa, pesquisadora do Centro Internacional de Pesquisa sobre a Escravidão e Pós-escravidão (CIRESA) do Institut des Mondes Africains (IMAF), apresentou no passado dia 20 do mês de Maio um debate subordinado ao tema “A história e memórias dos “Makoas” no Oeste de Madagáscar. Séculos 19 e 20”. O evento teve o selo do Centro de Estudos Culturais e Religioso do Oceano Índico (CECROI) que pretende junto da professora organizar vários eventos, visando fazer ligação entre os Makoas de Madagáscar e os Macuas do norte de Moçambique. Para perceber um pouco mais sobre quem são os makoas de Madagáscar, OMacuthi conversou com Klara Boyer-Rossol. Nesta entrevista, conduzida por Innocent Abubakar, a Professora Klara fala sobre os seus interesses em pesquisar os Makoas de Madagáscar, e sobre algumas actividades que a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Ilha de Moçambique

pode realizar numa perspectiva de ligação entre os macuaos do norte de Moçambique e os Makoas de Madagáscar.

OMacuthi (OM) Professora, nos seus estudos tem centrado com capital importância o estudo sobre os Makoas de Madagáscar. Tendo em atenção que Madagáscar é um país com muitos descendentes de escravos, como é que a Professora ficou sabendo da existência dos Makoas de Madagáscar?

Klara Boyer-Rossol (KBR): Em 2004, enquanto iniciava uma dissertação de mestrado em História da África na Universidade da Sorbonne Paris 1, tive a oportunidade de ir para Madagáscar. Eu estava procurando explorar as ligações entre a Ilha Grande e o continente africano. Fui aconselhada a descobrir mais sobre os “Makoas”, que tinham fama de ser do continente africano. No Oeste de Madagáscar, passando pela cidade de Morondava, conheci um Sr. Makoa chamado Ban Kazambo. Ele me contou a história de seus ancestrais que vieram de Moçambique e me apresentara às comunidades Makoa de Morondava, onde comecei as minhas primeiras pesquisas de campo. Então, em 2008, voltei para Madagáscar, onde fiquei por um ano. Em seguida, conduzi um longo campo de pesquisa, acompanhado por Ban Kazambo, subindo toda a costa Oeste entre Morondava e Majunga e coletando memórias orais de makoa. A partir dessas memórias makoa, fui reconstruindo gradativamente a história desses ancestrais que vieram “de além-mar” (de Moçambique). Foi assim que abordei este tema de pesquisa de Makoa no Oeste de Madagáscar, no qual trabalhei por mais de 10 anos (com uma dissertação de mestrado, uma dissertação de mestrado 2 e uma tese de doutorado sobre o assunto). Várias centenas de milhares de cativos (talvez pelo menos 300.000-350.000) foram importados durante o século 19 de Moçambique para Madagáscar. Os cativos da África Oriental categorizados como “Makoa” ou “Mozambiques” (“Masombika” em Malgaxe) estavam espalhados por Madagáscar, mas eram especialmente numerosos no Oeste de Madagáscar no final do século XIX. Na escala da Ilha Grande, os Makoa continuaram sendo uma minoria entre a população escrava. A maioria dos descendentes de escravos em Madagáscar são de origem malgaxe. Os Makoa ou Masombika formaram o único grupo de cativos estrangeiros (ou do comércio externo de escravos) na Ilha Grande. Eles também formavam o único grupo ex-servil que era reconhecido como “étnico” ou como um grupo sociocultural específico. Hoje, os descendentes de escravos Makoa se

fundiram principalmente na população sakalava do Oeste de Madagáscar e / ou decidiram mudar o nome do grupo para se integrar melhor. Os Makoas que entrevistei no Oeste de Madagáscar durante os anos 2000 pareciam ser os últimos “guardiões” da memória Makoas.

OM: Professora, consegue estabelecer uma relação e encontrar características de semelhanças entre os Makoas de Madagáscar e os Makhuwas do norte de Moçambique?

KBR: Nem todos os cativos da África Oriental deportados para Madagáscar eram Makhuwas de Moçambique (alguns eram de outros grupos em Moçambique, ou eram de áreas mais remotas, incluindo Malawi e Zâmbia). No entanto, a língua Emakhuwa serviu como língua franca entre cativos deportados da costa do norte de Moçambique. Além disso, em certas épocas e em certos lugares, os Makhuwas dominavam as populações cativas deportadas para Madagáscar. Por exemplo, durante a segunda metade do século 19, os cativos importados de Moçambique para o Oeste de Madagáscar eram principalmente do grupo Makhuwa-Lomwe em Moçambique. Assim, os Makoas que entrevistei durante os anos 2000 no Oeste de Madagáscar tinham, em sua maioria, ancestrais Makhuwa de Moçambique.

OM: Existem práticas socioculturais, particularmente linguísticas dos Macuas de Madagáscar cuja origem se encontra em Moçambique?

KBR: Sim, os Makoas de Madagáscar, (mesmo aqueles que não tiveram ancestrais Makhuwa de Moçambique, mas eram de origem Makonde, Manganja etc), todos falavam a mesma língua: uma variante dialetal do emakhuwa usado no norte de Moçambique. Além disso, praticavam canções, danças, jogos de bateria, artes

culinárias, artesanato etc., cujas origens remontam a Moçambique e em particular ao Norte de Moçambique.

OM: Professora, na sua opinião, como poderia uma universidade (ou uma faculdade de ciências sociais e humanas, como a nossa) localizada na ilha de Moçambique ser útil para conectar os Makoas de Madagáscar com os Macuas de Moçambique?

KBR: Ainda existem algumas comunidades Makoas no Oeste de Madagáscar que se organizaram em particular em associação. Com algumas dessas comunidades, organizamos no dia 20 de novembro de 2008 o primeiro dia de memória dos Makoas em Madagáscar. Devido à crise política e económica, este dia de comemoração não aconteceu mais. No entanto, tenho o projecto, por exemplo, de criar uma conferência internacional sobre a diáspora Makoas ou “Moçambique” no Sul. Oeste da Índia (em 2022 ou 2023 dependendo da situação de saúde) e esta seria uma oportunidade para criar parcerias, por exemplo entre Universidades e Faculdades ou Centros de Investigação de Moçambique e Madagáscar (bem como as ilhas Maurícias, Reunião, Mayotte) e para conhecer comunidades de língua makhuwa dispersas no sudoeste do Oceano Índico (Madagáscar, Comores, África do Sul, etc.).



Faculdade de Ciências  
Sociais e Humanas

FCSH

FAZENDO A DIFERENÇA



## “NA FCSH HÁ RESPEITO PELAS DIFERENÇAS, DIVERSIDADE RELIGIOSA E ETNICIDADE”

**N**inla CarlosTipanoa de 29 anos de idade nasceu a 08 de Maio 1992 na Cidade de Nampula . Começou a trabalhar na FCSH em Fevereiro de 2020 e lecciona as disciplinas de Técnicas de Informação em Turismo e Gestão de Riscos em Actividades Turísticas no curso de Turismo e Hotelaria. Ela diz que o que mais lhe marcou neste período é o facto de “estar a viver uma experiência nova na sua carreira Profissional”. Diz ela que “o espírito de entreaajuda, a cooperação e a irmandade que foi cultivado pela liderança é dos aspectos mais positivos”.

Instada a avaliar o ambiente de trabalho na FCSH, a dra. Ninla Tipanoa, considera que o ambiente é relativamente bom e aconchegante, visto que “há respeito pelas diferenças, diversidade religiosa e etnicidade”. Todavia, encoraja a liderança da FCSH e aos demais colegas a continuarem com a humildade, abertura e profissionalismo.



## Nas Pinturas Rupestres de Nakuahu em Meconta

# ESTUDANTES DA FCSH APROFUNDAM CONHECIMENTOS SOBRE O PATRIMÓNIO NATURAL E CULTURAL



Estudantes em plena instrução de observação usando binóculos

**E**studantes do 2º Ano do Curso de Turismo e Hotelaria, na especialidade de Património Natural e Cultural realizam em finais de Abril, uma aula prática junto das pinturas rupestres de Nakuahu em Meconta, Província de Nampula, em aprofundamento dos seus conhecimentos sobre o Património Natural e Cultural.

Inserida no âmbito da disciplina de Interpretação do Património Natural, leccionada no curso de Turismo e Hotelaria da FCSH, a aula prática consistiu na realização de diversas actividades, com destaque

para a Trilha turística, Escalada em montanhas, Técnicas de interpretação do património natural, aplicação de planos de manejo, técnica de observação dos elementos naturais com recurso ao manuseamento dos binóculos, levantamento dos elementos patrimoniais, técnicas de análise e medição de capacidade de carga, animação cultural, montagem e desmontagem de tendas para acampamento em áreas de conservação natural.

Em entrevista à nossa reportagem, alguns estudantes que tomaram parte da aula prática em Meconta, mostraram-se satisfeitos com a realização da iniciativa e pediram para que haja mais saídas ao campo por entenderem que as mesmas jogam um papel muito importante para conciliar a teoria e a prática no Processo de Ensino e Aprendizagem.

“Achei boa a iniciativa. É algo que me deixou completamente contente.. Deu para apreender muita coisa”, começou por explicar



Samir Alifo Estudante



Estudantes aprendem a interpretação do património integrado



Pascoela Piliça Estudante

o estudante Samir Alifo, para depois continuar: “aprendi que quando se chega ao campo, deve-se primeiro analisar o ambiente interno e fazer-se um mapeamento e a organização e a capacidade de carga para não degradar o meio ambiente”.

Para além destes elementos, o estudante diz que a aula prática foi um momento de colher várias experiências, incluindo o reforço do envolvimento dos estudantes com a comunidade local.

O estudante pede à FCSH para que invista mais em aulas práticas no campo, e defende o facto de as aulas práticas oferecerem muitas possibilidades para os estudantes conciliarem a teoria e a prática e a possibilidade de os estudantes envolverem-se com a natureza e as comunidades locais.

A estudante Pascoela Piliça, por exemplo, diz que “foi muito bom presenciar o património que tive a oportunidade de ver. Nunca tinha escalado as pinturas rupestres, sempre ouvi dizer na sala de aula.”

Pascoela diz que o momento vivido nas pinturas rupestres de Nakuahu, serviu para aprender a conservar a natureza, como fazer a demarcação de um espaço e montar uma tenda. “Foi muito bom fazer as caminhadas, participar do ritual ao entrar junto das montanhas. De certeza, isso marcou-me e irei

lembrar sempre”, finalizou.

Jacinta Manico, uma outra estudante que conversou com a nossa reportagem afirma que: “é de louvar a iniciativa, porque nesta aula prática, conseguimos adquirir mais conhecimentos e pôr em prática agora e no futuro”. Ela pede que aulas do género tenham mais lugar, envolvendo mais estudantes.



O docente da disciplina de Interpretação do Património Natural, Sevenasi Joaquim, disse que a escolha do local, deveu-se pelas especificidades naturais, culturais e científicas e o valor universal excepcional que o



Jacinta Manico Estudante



Parte das Pinturas Rupestres de Nakuahu

lugar oferece, que de certa forma facilita a consolidar a componente teórica da prática prevista no plano analítico da cadeira. Apesar do fenómeno turístico estar inserido nos estudos das ciências sociais e humanas, é uma das áreas, que, pela sua natureza em termos de operacionalização envolve muita prática. “Esta prática não pode ser discutida somente nas salas de aula baseadas em exemplos, abordagens de estudos de casos”, disse fundamentando a importância da viagem de campo.

“As práticas em turismo devem reflectir no domínio do saber fazer e do bem servir. Respondendo a estes pedidos, os nossos formandos estarão preparados para o mundo profissional propriamente dito e uma melhor corrida para o mercado de emprego”, disse explicando que na cadeira de interpretação do património natural, os formandos devem ter o domínio das ferramentas de gestão do património natural a nível teórico e prático.

Sevenasi Joaquim disse que “os sítios com Pinturas Rupestres fazem parte do Património Cultural do país, e são responsáveis pela transmissão de valores culturais, hábitos e costumes de geração em geração sendo imprescindível a divulgação de toda a infor-



Estudantes em pleno acampamento

mação sobre este património cultural. A sua preservação tem merecido especial atenção por parte do governo, por esse motivo foi aprovada pela Lei no 10/88 a Lei de Protecção Cultural que determina a protecção legal dos bens materiais e imateriais do Património Cultural Moçambicano”.

Elaborados e implementados pelos estudantes

## FCSH ENTREGA PROJECTOS DE INTERVENÇÃO SOCIAL

A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas procedeu a 27 de Maio do ano em curso, a entrega de sete projectos de Intervenção Social ao nível da comunidade local. Os projectos foram concebidos e implementados pelos estudantes do 2º ano do Curso de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas na Ilha de Moçambique, no âmbito da ligação entre a Universidade Lírio (FCSH) e a comunidade da Ilha de Moçambique.

Os projectos desenvolvidos pelos estudantes foram baseados em problemas que as comunidades da Ilha de Moçambique enfrentam. Entre os projectos constam, dois

virados ao saneamento do meio e colocação de baldes de lixo nos principais mercados da Ilha de Moçambique, nomeadamente no Mercado de Ndalane e Jembesse. Dos outros quatro projectos entregues à comunidade da Ilha de Moçambique, na presença do Conselho Municipal e do governo distrito, destaca-se a Reabilitação do campo de jogos do clube Sporting da Ilha de Moçambique, a colocação de sombreiros numa das melhores praias da ilha, a Miami Beach, a reabilitação de Sanitários públicos, tendo se beneficiado o bairro de areal e o projecto de colocação de sinaléticas para as principais ruas da Ilha de Moçambique.



Projecto de colocação de sombreiros na praia Miami Beach



Projecto de Reabilitação do campo de jogos do clube Sporting



Projecto de colocação de baldes de lixo no mercado de Jembesse



Projecto de reabilitação de da praça da Juventude



Projecto de reabilitação de Sanitário público do Bairro Areal



Equipa docente e estudantes envolvidos nos projectos